

KANT E A ANTROPOLOGIA ASSIMÉTRICA: COSMOPOLITISMO E DEPENDÊNCIA DA ‘NATUREZA’ HUMANA¹

**Kant and the asymmetrical anthropology:
cosmopolitanism and dependence of human ‘nature’**

José Henrique Alexandre de Azevedo

Universidade Estadual do Ceará
josehenriqueazevedo@hotmail.com

Resumo: Defendo que Kant erige uma ciência antropológica com um método de observação adaptado a ela, mas com um deficit em relação ao seu objeto de estudo. Assim, provaremos que a antropologia, entendida como ciência do conhecimento pragmático do que os seres humanos podem fazer de si, não consegue expor uma teoria da natureza humana que abarque a diversidade dos seres humanos em uma real universalidade, de maneira a revelar uma assimetria entre o que ele chama de raça branca e as outras, mulheres igualmente.

Palavras-chave: Antropologia; Natureza Humana; Kant.

Abstract: I sustain that Kant built an anthropological science using a method adapted to it, but carrying a deficit regarding its object of study. Thus, I intend to prove that this anthropology, understood as a science of the pragmatic knowledge of what human beings can do for themselves, cannot support a theory of human nature which cover the diversity of humanity in a real universality, so that to reveal an asymmetry between what he calls white race and the others (including women).

Keywords: Anthropology; Human Nature; Kant.

Introdução

Apesar de Kant ter iniciado sua reflexão crítica com um projeto de reformulação da metafísica sob os paradigmas da ciência moderna (resultando em uma filosofia transcendental), ele flexionou seu pensamento, após 1793, em favor de uma antropologia (entendida como conhecimento pragmático das condições de possibilidade de ação humana no mundo, a fim de progredir, constantemente, para o melhor.). No entanto, Kant não finalizou, completamente, sua antropologia por conta de o objeto desta ciência apresentar um deficit em relação aos princípios que a fundamentam; assim, principalmente, negros, indígenas e mulheres não possuem clara capacidade cosmopolita para ajudar a humanidade a progredir ao melhor, isto é, esses componentes

¹ Este artigo é um desenvolvimento do 6º capítulo de minha tese de doutoramento: AZEVEDO, H. (2019a). *A Antropologia como Finalidade da Filosofia em Kant*. Tese (Doutoramento em Filosofia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Quanto aos procedimentos no artigo, sempre que houver traduções ao Português disponíveis às obras de Kant, eu as usarei, apesar de designar a citação conforme o modelo da *Akademieausgabe von Immanuel Kant*; as referências às traduções das obras de Kant aparecerão na bibliografia. Em algumas citações traduzidas por mim em notas de rodapé, o original estará disponível para conferência acompanhadas das correspondentes abreviaturas, as quais podem ser encontradas no seguinte website: <https://www.philosophie.fb05.uni-mainz.de>, acessado em 18/09/2020.

da espécie humana são pontuados, especificamente, por Kant como humanos por reflexo, fadados a seguir os ditames do processo civilizatório Europeu, sendo pois um entrave ao desenvolvimento humano (Cf. Azevedo, 2019a).

Kant propôs uma teoria antropológica por meio de um viés humanista/culturalista (ou seja, todos nascem humanos, mas precisam desenvolver sua humanidade em vista de propósitos cosmopolitas), segundo a qual todos os seres humanos precisam cultivar-se a fim de contribuir ao progresso da humanidade, ou seja, todos nascem humanos, em gérmen, mas para satisfazer a natureza humana é necessário perseguir fins cosmopolitas tais como: autonomia, liberdade, constituição civil, evitar guerras ofensivas, respeito à propriedade privada e etc. O ponto paradoxal de dificuldade encontrado por Kant para dar conta de uma ciência antropológica, além daquele relacionado à ideia de liberdade (Wood, 2007), é a inconsistência entre o que ele pensa sobre a natureza humana, livre agência mediada pela razão, e sobre alguns grupos humanos, que, segundo seu juízo, sua letra e sua hierarquia, seriam incapazes de cosmopolitismo pleno por uma suposta falta de talento à formação cultural (*Bildung*).²

Por isso, o método exposto na *Anth* (AA VII, *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*), a *característica antropológica*, não consegue dar conta da humanidade como objeto amplo que se projeta ao futuro, pois malgrado seu postulado de uma condição humana *a priori* (em ato, mas com pequena potência), esta não é colhida no seu desenvolvimento cosmopolita, onde, de fato, se pode se expressar enquanto tal. Mais precisamente, o ponto não é sua ontologia (pois é imprecisa e incognoscível), mas sua a condição potencial, cuja marca necessária é seu desenvolvimento cosmopolita em direção à natural tendência universal presente na Civilização.³

² “Dom Ulloa [...] assegura ter achado as feições características dos habitantes dessa parte do mundo, em geral, muito semelhantes [...] Mas, que a sua índole natural não alcançou nenhuma adequação completa a um clima qualquer, disso deixa-se também deduzir que dificilmente pode ser indicada uma outra causa pela qual essa raça, tão frágil para o trabalho pesado, tão indiferente ao assíduo, e incapaz de toda cultura (para o que, todavia, encontra-se na proximidade exemplo e encorajamento suficientes) está ainda muito abaixo do próprio negro, o qual, contudo, ocupa o mais baixo de todos os demais níveis daquilo que nós nomeamos diferença de raças.” (*ÚGTP*, 8: 175.)

³ “Nós podemos achar nações que não parecem progredir para a perfeição da natureza humana, mas sim estagnam-se, enquanto outras, tal como na Europa, constantemente progredem. Se os europeus não tivessem descoberto a América, os americanos teriam permanecido naquela condição. Acreditamos, mesmo hoje, que eles não chegarão a nenhuma perfeição, pois parece que todos serão exterminados, não por meio de assassinatos, o que seria horrível, mas, em vez disso, apenas desaparecerão. Pois é possível calcular que apenas uma vigésima parte de todos os americanos ainda vivem lá; por conta de ter restado apenas uma pequena parte, proporcionando aos Europeus tirar muita vantagem, então surgirão disputas internas entre aqueles, desgastando-os uns com os outros.” **No Original:** “Wir finden Völker die in der

O século XVIII é o momento de crescimento das relações coloniais da Europa para com o resto do mundo. Junto ao aumento das incursões comerciais e militares neste período de transição do mercantilismo ao capitalismo industrial, também aumentou o nível de informação sobre recém-contatados povos distantes geográfica e culturalmente. Aqui renasceu os relatos de viagens como gênero literário extremamente apreciado, os feitos extraordinários de homens que moldaram a cabeça Europeia sobre um mundo muito maior que os portões de Paris ou as pontes de Königsberg. Foi neste contexto histórico que o interesse de Kant pela antropologia filosófica se desenvolveu.⁴

O homem enquanto ideia, projeto, mito ou simplesmente enquanto tópico privilegiado de reflexão para os filósofos – pode bem ser uma invenção, mas não é por certo uma invenção assim tão recente quanto Michel Foucault pretendeu que o fosse. O autor de *Les mots et les choses* (1966), depois de fazer o que chamava a arqueologia do pensamento ocidental dos últimos quatro séculos, situava essa invenção no fim do século XVIII e início do século XIX e lia o estrato pós-kantiano da filosofia como sendo marcado pela emergência e dominação das ciências humanas e pela antropologia, que se teria constituído aí como uma espécie de filosofia fundamental. O espaço epistêmico assim aberto mover-se-ia num paradoxo, pois nele o homem se propõe como sendo, ao mesmo tempo, o objeto e o sujeito do saber.⁵

Esse estrato pós-kantiano, que Leonel Ribeiro dos Santos pontua em Foucault, reflete a ideia de que a noção de homem já era discutido em sua condição fundante havia muito tempo, mas que o sentido de filosofia fundamental ganho pelo tema após Kant não se sustentaria sem este arcabouço, o qual se dá, mormente, nas disputas entre humanistas e anti-humanistas iniciadas no renascimento. Mais precisamente, o humanismo propunha que para atingir a condição humana é necessário uma espécie de

Vollkommenheit der menschlichen Natur nicht fortzuschreiten scheinen, sondern einen Stillstand gemacht haben, da andere, als in Europa immer fortschreiten. Wenn die Europaeer nicht America entdeckt hätten, so würden die Americaner in ihrem Zustande geblieben seyn. Und wir glauben, sie werden auch jetzt zu Keiner Vollkommenheit gelangen, denn es scheint sie werden alle ausgerottet werden, nicht durch Mordthat, das wäre grausam! sondern sie werden aussterben. Denn man rechnet jetzt nur noch den 20ten Theil von allen vorigen Americanern. Da sie immer einen kleinen Theil behalten, indem ihnen die Europaeer vieles wegnehmen, so wird unter ihnen Selbst-Streit entstehen, und sie werden sich einander aufreiben". In: (*V-Anth/Pillau*, 25: 840).

⁴ Para um maior aprofundamento sobre a gênese da Antropologia Kantiana: Cf. WILSON, H. (2006). *Kant's Pragmatic Anthropology: Its Origin, Meaning and Critical Significance*. New York: State University of New York Press. Também o 4º capítulo de: Azevedo, 2019a.

⁵ SANTOS, L. R. (2007). *O espírito da letra: Ensaios de hermenêutica da modernidade*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. p 43.

auto-cultivo intelectual e moral, que moldaria o sujeito em vista da mais correta imagem da natureza humana, ‘em suma, *humanus*, no contexto do vocabulário dos humanistas, significava aproximadamente o mesmo que culto ou erudito’ (Santos, 2007, p. 43.) Pico della Mirandola e Marcelo Ficino são os grandes representantes do humanismo renascentista.

Montaigne é o maior opositor desta maneira de categorizar a humanidade e ‘neste sentido, pode dizer-se que o pensamento montaigniano é um anti-humanismo. Mas, [...] este anti-humanismo é necessário para recuperar o sentido de um outro humanismo, sem dúvida mais modesto, mas, porventura, mais autêntico.’ (Cf. Santos, 2007, p. 81.) Kant usava frequentemente os *Ensaaios* do próprio Montaigne em suas lições de antropologia, o que comprova que ele estava ciente da querela (*V-Anth/Parow*, 25: 244). Rousseau também influenciou diretamente sobre a antropologia kantiana desde o seu período pré-crítico (*V-Anth/Collins*, 25: 12), passando pelo primeiro projeto crítico-transcendental de filosofia (*V-Anth/Mron*, 25: 1302), consolidando-se nos últimos anos de reflexão, contudo de modo refinado (*Anth*, 7: 311). Entretanto, Kant tomou as ideias de Rousseau bem mais como inspiração e agitação do pensamento para resolver certas questões do que como um dogma a ser seguido discipularmente.⁶

A grande influência de Rousseau sobre Kant concerne ao conceito de natureza humana, mas não de um ponto de vista genealógico, uma vez que não era bem a origem da humanidade que estava em jogo, mas sim no que diz respeito ao seu futuro, ou seja, uma filosofia que se preocupa, prioritariamente, com os destinos e aptidões que podem ser alcançadas pela espécie humana, satisfazendo, de fato, sua vocação⁷. As ideias de Rousseau, as quais Kant se familiarizara desde a década de 1760, ajudaram-no a

⁶ «Au départ, les perspectives de Kant et de Rousseau sont donc profondément différentes. D’où l’importance, chez Kant en particulier, d’une définition préalable et suffisamment complexe de l’homme comme Je, comme conscience de soi et comme personne douée de l’entendement. Kant suppose, en outre, dans sa définition initiale de l’homme, le développement de la sociabilité et de l’amour-propre. Aussi, la majeure partie de sa réflexion sur l’homme reste-t-elle fidèle à son postulat pragmatique et ne rejoint que sur peu de points certaines considérations de Rousseau, notamment celles portant sur la politesse, le goût et le luxe.» LAFRANCE, G. De Rousseau à Kant à propos de l’anthropologie. In: FERRARI, J. (Ed.). (1997). *L’Année 1798: Kant et la naissance de l’anthropologie au siècle des lumières*. Paris: Vrin. p 33.

⁷ Para um maior aprofundamento sobre como Kant catalisou a ideia de história como uma separação entre espaço de experiências do passado e horizonte de expectativas de futuro: Cf. Koselleck, R. (2012). Espaço de experiência e Horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, R. (2012). *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira). Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Contraponto.

identificar uma dicotomia entre natureza e cultura⁸ como ponto importantíssimo para o conjunto de sua filosofia.

Se nos atentarmos aos cursos de antropologia de Kant, dos quais a *Anth* é fruto, veremos que a ideia dicotômica aqui em questão foi amadurecida ao longo do tempo, sendo capaz de fundar, pelo menos desde 1775, ano no qual aquela aparece pela primeira vez, uma linha contínua de desenvolvimento do conceito de antropologia e, assim, tal desenvolvimento supõe um sacrifício humano, messianicamente, em busca da resolução dos seus próprios problemas por seus próprios meios:

Há dois pontos finais do Iluminismo e do progresso na determinação do homem – a saber: 1) O estado cru do ser humano (estado de natureza; 2) o estado cultivado (estado civilizado). O intermediário entre os dois é o pior. No primeiro, o humano era negativamente feliz; no outro, ele será feliz positivamente. O estado intermediário entre estes dois é o momento da luxúria, do aperfeiçoamento, do gosto, da informalidade. Rousseau, neste sentido, está certo em preferir o estado de natureza.⁹

É a diferença entre natureza e cultura que marcará a antropologia kantiana desde o pré-crítico até as discussões sobre o mal na natureza humana, *RGV (Die Religion innerhalb der Grenzen der blossen Vernunft)*, passando pela moralidade e que deveria encerrar-se no chamado *OP (Opus Postumum)*.¹⁰ Kant pesquisa ao longo das *Lições de antropologia* na *Albertina Universität Königsberg*, e na *Anth*, a natureza humana em torno de tal diferença, uma vez que este é um princípio indefinido por sua perpétua mutabilidade ao longo do tempo devido o humano ser um agente livre e, por conseguinte, não cognoscível empiricamente.

⁸ «Il intéressant de souligner ici l'interprétation que fait Kant de la perspective de Rousseau à qui il attribue l'intention de chercher une solution au conflit nature-culture et qu'interprétée de cette façon, la pensée de Rousseau apparaît moins comme une critique négative de la culture que comme une tentative de trouver dans la culture un moyen de sauver l'espèce humaine de son malheur.» LAFRANCE, 1997, p. 37.

⁹ “Es giebt 2 End Punkte der Aufklärung und der Fortschritte der Menschen Bestimmung – nemlich 1.) der rohe Zustand des Menschen (Naturzustand) 2.) der cultivirte Zustand, (gesittete Zustand). Der Mittel Zustand von diesen beiden ist der schlimmste. In ienem ersten war der Mensch negativ glücklich in diesem andern wird er es positiv sein. Der Mittel Zustand zwischen diesen beiden ist der Zeitpunkt des Luxus der Verfeinerung des Geschmacks der Geselligkeit Insoferne hat nun wol Rousseau recht, wenn er diesem Zustand den Natur Zustand vorzieht.” (*V-Anth/Mron*, 25: 1417).

¹⁰ Sobre a tese de que *OP* seria uma obra de antropologia se completado fosse: Cf. AZEVEDO, H. (dez. 2019b). A antropologia póstuma de Kant: o *Opus Postumum* como uma obra de antropologia. In: *Studia Kantiana*, vol. 17, n. 3, 129-156.

Kant deixou espalhadas as provas de que a antropologia é o principal projeto de filosofia de seu último período de reflexão; por isso, não se pode encontrar em apenas uma obra a forma sistemática e acabada desta, tal como, por exemplo, se acredita que o pudesse na *Anth*. Ele organizou bem as bases, apesar de não ter completado o sistema com viés antropológico; tal incompletude alimenta minha tese de que havia uma assimetria entre o que Kant considerava empiricamente ser o humano em seu fundamento natural e sua ideia do que o humano deve ser para atingir completamente suas potencialidades (sem as quais, falta humanidade e sobra animalidade): aqui há um desequilíbrio da natureza humana que desumaniza mulheres, indígenas e negros desde um ponto de vista cosmopolita. Vejamos como Kant constrói sua ciência antropológica e como esta não se adéqua tão bem ao seu objeto de estudo.

Kant e a construção da antropologia: uma ciência incompleta

As definições de antropologia que emergem das *Vorlesungen über Anthropologie*, das obras críticas e da *Anth* serão suficientes para provar a hipótese de que Kant não conseguiu chegar a uma definição verdadeiramente abrangente de natureza humana, cosmopoliticamente falando. Vale ressaltar que Kant foi um dos primeiros professores na Europa¹¹ a lecionar uma disciplina chamada antropologia, em 1772, e apenas parou de lecioná-la quando de sua aposentadoria em 1796. Ao longo desse tempo, os conceitos, obviamente, evoluíram e a própria disciplina antropológica mudou de patamar, tornando-se a finalidade de toda e qualquer filosofia consequente (Azevedo, 2019a). O seu trabalho em sala de aula consistia em inventariar traços do que chamou de natureza humana, de maneira que as suas publicações após 1793 dissessem respeito, em larga medida, a aspectos de atuação desta natureza em domínios pragmáticos.

Em 1772, Kant inicia tal disciplina em meio a uma disputa acadêmica entre a chamada *Popularphilosophie* e a *Schulphilosophie*, que consistia em uma querela entre aqueles que faziam uma filosofia voltada ao mundo, e seus habitantes, e aqueles que se vinculavam a um racionalismo sistemático (Zammito, 2002). Em suma, Kant se filia aqueles que faziam filosofia popular, na esteira de Christian Thomasius e contra a escola

¹¹ O primeiro foi Ernst Plätner. Cf. FEUERHAHN, W. “Le champ de bataille de l’anthropologie. Kant entre l’héritage wolffien et le défi de la philosophie populaire”. In: GRAPOTTE, S; PRUNEA_BRETONNET (Eds.) (2011). *Kant et Wolff, Héritages et ruptures*. Paris: Vrin.

wollfiana; isto significava que a filosofia kantiana tinha de estar voltada ao mundo como forma de dar vazão à racionalidade. Isto quer dizer que, para Kant, o trabalho do professor concerne em educar o jovem estudante para além da sua mera profissão.

Isto posto, a psicologia empírica de Baumgarten serviu, inicialmente, de manual para as aulas de Kant e, por conta disso, a ideia de humanidade em seus primeiros cursos está ligada à de conhecimento de si. Apenas no ano de 1775, quando do advento de um curso melhor elaborado, Kant expõe, segundo as anotações de seu aluno Friedländer (*V-Anth/Fried*), que ‘antropologia é um conhecimento pragmático, o qual flui de nossa natureza’¹². Foquemos, neste momento, na ideia de que a antropologia tem de ser a pesquisa sobre os resultados e finalidades racionais da natureza humana.

Ora, a ideia de antropologia como saber pragmático está, completamente, ligada à noção de que a busca pela natureza humana tem de ocorrer sob aqueles elementos que persistem na espécie ao longo do tempo. Também é evidente que nesta altura da sua reflexão, Kant não possui um conceito de natureza em geral que possa dar azo a um objeto científico: isto é, por um lado, ele considera que as diferentes raças humanas possuem um elo comum, algo de sua animalidade que liga todos sob o mesmo gênero (*Von den verschiedenen Racen der Menschen, VvRM, AA II*), no entanto o que, de fato, caracteriza a humanidade é sua condição racional de busca por finalidades, de eterno progresso para todo o gênero humano, estando (*SF, Der Streiten der Fakultäten, AA VII*) ou não (*Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht, IaG, AA VIII*) tal empreitada em nossas mãos. Nas lições de antropologia de 1775 (*V-Anth/Fried*) não é concebível haver uma natureza humana entre os *Inuit* e outra entre os *Yanomami*, senão que em ambos tem de ser possível encontrar elementos comuns que atestem o pertencimento à mesma espécie. O desafio posto por Kant em 1775 será relativizado em seus desígnios últimos nos anos seguintes, mas conservará o apelo para o desenvolvimento da humanidade enquanto espécie.

Por mais que a ideia de natureza humana seja importante na pesquisa antropológica, a sua finalidade concerne ao estudo do ser humano em suas especificidades; daí, seria possível conhecer, em sentido ainda não crítico, a natureza humana: ‘O conhecimento sobre o ser humano deve ser duplo: 1) o comportamento

¹² “Die Antropologie ist also eine pragmatische Kenntnis dessen was aus seiner Natur fließt.” (*V-Anth/Fried*, 25: 471).

fortuito ou conduta humana; 2) a natureza da humanidade'.¹³ Essas especificidades, além disso, não podiam satisfazer em 1775 a antropologia como ciência última, na medida em que era necessário um modelo lógico de organização, tampouco podemos falar que o projeto crítico (1781 em diante) que corresponde a essa organização lógica estava sendo gestado em vista da antropologia. Eram ambos paralelos, mas só havia naquela altura o projeto crítico-transcendental em gestação. Entretanto, a ideia de natureza humana sempre seduziu Kant a organizar uma ciência que pudesse dar conta de esclarecer este aspecto de uma maneira que ninguém ainda tinha feito, daí o aparecimento em 1775 (*V-Anth/Fried*) da noção de 'pragmática'.

Nas *Lições de Antropologia* do ano de 1781-2 anotadas por *Menschenkunde* (*V-Anth/Mensch*), Kant mostra uma definição que se propõe inovadora: o 'conhecimento sobre o ser humano nós denominamos com o nome geral de antropologia, a qual não é ensinada em nenhuma outra universidade.'¹⁴ Ora, o ano de 1782 possui a peculiaridade de sua *Crítica da Razão Pura* (*KrV*) já ter sido publicada, possuindo o autor um plano crítico, que se desenvolverá ao longo da década. A *KrV* lança a antropologia em uma dupla direção: por um lado, vê seu desenvolvimento como filosofia popular absorvida pela crítica na *Arquitetônica* (*KrV* A 838-9 / B 866-7) e no entanto, por outro lado, expõe a disciplina antropológica como algo submetido à moral e, por conseguinte, algo empírico de menor importância em relação à futura *Metafísica dos Costumes* (A 841 / B 869).

Quanto à última, é uma evidência de que, apesar da importância do conceito de 'pragmático' como um meio para atingir fins de sabedoria, a antropologia continuará durante a década de 1780, principalmente até a edição de 1787 da *KrV*, como uma disciplina menor na filosofia kantiana.¹⁵ Quanto à primeira, por assim dizer, esta pode ser confirmada já na Lição de antropologia anotada por Pillau em 1777 (*V-Anth/Pillau*) e ratificada por *Menschenkunde* em 1781-2 (*V-Anth/Mensch*), na medida em que diz

¹³ "Die Kenntniß des Menschen kann aber zwiefach seyn. 1. Das zufällige Betragen oder Verhalten der Menschen, oder der Zustand 2. Die Natur der Menschheit." (Idem).

¹⁴ "Die Kenntniß des Menschen nennen wir mit einem allgemeinen Namen Anthropologie, welche auf keiner andern Akademie gelesen wird." (*V-Anth/Mensch*, 25: 856).

¹⁵ Além desta segunda edição, a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (*GMS*) corrobora com a ideia de que a antropologia deve ser a parte empírica submissa à formalidade da moralidade. "Desta maneira surge a ideia duma dupla metafísica, uma Metafísica da Natureza e uma Metafísica dos Costumes. A Física terá portanto a sua parte empírica, mas também uma parte racional; igualmente a Ética, se bem que nesta a parte empírica se poderia chamar especialmente Antropologia prática, enquanto a racional seria a Moral propriamente dita." (*GMS*, 5: 388)

Kant haver três doutrinas que contribuem com a nossa perfeição, de maneira a usar a já equilibrada divisão entre a doutrina da habilidade, da prudência e da sabedoria (*V-Anth/Mensch*, 25: 855).

Ora, a antropologia deve seguir os passos da sabedoria, enquanto aquilo que impulsiona o humano às suas finalidades pensadas pela razão. Os fundamentos da antropologia em *V-Anth/Mensch* seguem as bases críticas de modo a formalizar uma ideia de sistema como uma totalidade de partes que não são inseridas de maneira aleatória, mas segundo a sabedoria, que no caso da antropologia é um conhecimento pragmático de mundo. A conclusão parcial que podemos tirar desse quadro é a seguinte: Kant desenvolvia gradualmente em sala de aula os conteúdos de sua filosofia publicada e as lições de antropologia foram um dos grandes laboratórios do lento e gradual desenvolvimento de seus conceitos. O desenvolvimento da ideia de antropologia como ciência popular da natureza humana ganhou um desdobramento paralelo até o início da década de 1790, cujo teatro é a sala de aula.

Isto pode ser provado com a aparição da pergunta antropológica ainda em 1782 na *V-Anth/Mensch*; também podemos encontrar nesta lição as referências para todas as três grandes questões que interessam à razão, referências estas que não aparecem na *KrV*. Mais precisamente, diz Kant, ‘o que é o homem? [...] Conhecimento do ser humano em geral é difícil, já de um único humano é mais fácil e mais fácil ainda é o autoconhecimento.’¹⁶ Kant divide a humanidade entre o cultivo de si, a civilização e a espécie, colocando as três perguntas de maior interesse da razão como interesse direto da cultura, em vista de aplicá-las na espécie. Interessante notar que aquela pergunta antropológica feita na mesma lição, mas em outro momento, ainda não se encaixa, diretamente, neste tipo de reflexão de Kant, de modo que as provas do seu aparecimento datam, seguramente, de 1793.¹⁷ O contexto aqui em que vêm à tona as três perguntas referenciadas pelos seus domínios é o de discussão acerca do progresso da humanidade por meio da civilização, da cultura e da moralização, as quais têm de ter como finalidade a efetivação da liberdade no mundo pragmático.

¹⁶ “was ist der Mensch? [...] Die Kenntniß des Menschen überhaupt ist also schwer, die besondere Kenntniß eines Menschen ist schon leichter, und am leichtesten ist die Selbsterkenntniß.” (*V-Anth/Mensch*, 25: 859).

¹⁷ Em 04/05/1793 manda uma carta a Frederick Stäudlin, na qual aponta que as três perguntas de maior interesse à razão que aparecem na *KrV* devem recair numa quarta, a saber, “was ist der Mensch?”. Cf. (*Br*, 11: 430).

Cultura diz respeito apenas a pessoa, civilização concerne à sociedade, moralização ao que é melhor para o mundo todo. Estes são os três tipos de progresso que a natureza pôs nos seres humanos. Na cultura avançamos muito, na civilização fizemos pouco, e em moralidade nós fizemos quase nada. No que diz respeito à cultura, podemos nos perguntar:

- 1) O que posso saber? Metafísica e filosofia ensinam isso.
- 2) O que devo fazer? Moral ensina sobre isso.
- 3) O que me é permitido esperar? Religião ensina isso.¹⁸

A ideia de que cada pergunta que interessa à razão também é responsável por um domínio do progresso da humanidade, em vista da liberdade, suscita uma reflexão. As três perguntas referem-se à cultura, o que significa que Kant estava preocupado que seus alunos soubessem quais são os limites para um conhecimento seguro acerca dos objetos, quais são as melhores maneiras para ações morais em sociedade e como a religião pode referendar as duas perguntas anteriores sem ultrapassar os limites racionais. A saída do estado de injustiça simbolizado pelo estado de natureza permitirá ao ser humano evoluir, primeiramente, em direção à resolução dos problemas de sua comunidade. Tal ideia é sedutora, mas suas consequências pragmáticas todos sabemos: dominação total por um capitalismo administrado (antes pelo estado e hoje pelo próprio mercado), colonialismo, racismo, sexismo.

Nas obras publicadas pelo próprio Kant, ele expõe de maneira mais forte as ideias acerca da moralização da sociedade, mas sem deixar tão claras quais são as etapas para tal. Bem mais importante, é a visão de que a etapa que a humanidade está, naquele momento histórico da vida do professor Kant, requer um grande contributo da natureza humana para o desenvolvimento pragmático progressivo e também para um apurado refino intelectual que permita entender quais são os desígnios da natureza que podem ser captados pela razão; não é fortuito que Kant sempre designou como principal fim da humanidade a moralização.

O progresso deve ajudar as pessoas a viverem melhor e, por conta disso, os meios inegáveis para a sua consecução são educação pública, legislação pública e

¹⁸ “Die Cultur betrifft eigentlich nur die Person, die Civilisirung betrifft die Gesellschaft; die Moralisirung das allgemeine Weltbeste. Dies sind 3. Gattungen von Fortschritten, die die Natur in den Menschen gelegt hat. In der Cultur sind wir schon weit gekommen, in der Civilisirung haben wir wenig, in der Moralisirung beynahe gar nichts gethan. Was die Cultur anbelangt so kan man fragen 1) was kan ich wißen? Das lehrt die Metaphysic und Philosophie 2) Was soll ich thun? Das lehret die Moral 3. Was kan ich hoffen? Das lehrt die Religion.” (*V-Anth/Mensch*, 25: 1198).

religião. As três são meios e fins, ao mesmo tempo, tanto que o prerequisite para o desenvolvimento da humanidade é a liberdade, a qual, neste estágio, estava sendo desdobrada como respeito à lei moral. A antropologia, neste sentido, deve poder ajudar o ser humano a atingir estes fins. Esta última ideia é o que diferencia a base da antropologia antes da flexão antropológica de seu sistema e ascensão à ciência mais importante, isto é, na década de 1790, a antropologia pode ser definida por Kant como meio de aplicação da filosofia transcendental, em vez de sua função final como filosofia última, que se expõe mais claramente em 1800 na Introdução à *Log* (AA 9).

É necessário esclarecer este ponto; primeiramente, Kant jamais afirmou que a antropologia era uma filosofia última em contraste com a metafísica como filosofia primeira, no entanto a maneira que a antropologia é alçada como disciplina mais importante mostra que Kant agiu desta forma. Segundo, as definições de antropologia nos anos de 1780, nas *Vorlesungen über Anthropologie* que temos acesso, não mudaram em sua base, na medida em que a pragmática passa a ser sua qualidade fundamental, mas agrega sentidos diversos a esta base, de maneira a enriquecer a ciência antropológica.

Nas lições anotadas por Mronovius (*V-Anth/Mron*), Kant consolida a antropologia como pragmática, de maneira que seu argumento inicial, apesar de não ser novo, se aprofunda a fim de marcar a diferença para com a escolástica alemã. O que há de novo é a dissociação da antropologia entre pragmática e escolástica. Kant chega a ideia de que há uma antropologia escolástica por meio da intenção de dar um relevo prático à finalidade filosófica, estando a antropologia em posição de organizar a sociedade, ou seja, ‘conhecimentos a partir do entendimento são práticos (*practisch*) se se puder fazer uso deles; mas eles são pragmáticos quando alguém, geralmente, usa-os na sociedade, e, assim, estes devem: 1) ser, de modo geral, inteligíveis e 2) interessar a todos. A prática (*Praxis*) nos faz especialistas para todos os fins ideias, estes nos interessando ou não. - No entanto, é a prudência que determina os reais fins.’¹⁹

O ano desta afirmação coincide com uma efervescência de pensamento de Kant, principalmente no que concerne à moral devido o lançamento ao público de sua *GMS*,

¹⁹ “Verstandes Erkenntniße sind practisch wenn man davon überhaupt Gebrauch machen kann; pragmatisch aber wenn man sie in der Gesellschaft allgemein gebrauchen und hier müßen sie 1) allgemein verständlich seyn und 2) auch ieden interessiren. Die Praxis macht uns geschickt zu allen nur ersinnlichen Zwecken sie mögen uns interessiren oder nicht - Klugheit ist aber sich einen wirklichen Zweck zu bestimmen.” (*V-Anth/Mron*, 25: 1210).

que deveria preencher uma fundamentação metodológica dos princípios da metafísica da moral. Ao dizer que há uma pragmática no uso que se faz dos conhecimentos do entendimento na sociedade, Kant está a afirmar que há um interesse de todos na aplicação do entendimento, na regulação da vida entre os homens. Interessante é o fato de a *Metaphysik der Sitten* (MS) ter um princípio de organização similar, visto que o direito tem de garantir a regulação legal e justa entre os humanos, de maneira que a moralidade fundamental possa ser aplicada pragmaticamente, garantindo a convivência mútua em sociedade. Com isso, podemos notar nesta lição uma maior força da filosofia crítica nas formulações da antropologia, o que denota também uma boa influência na definição de antropologia em sua nova divisão:

O conhecimento do ser humano em geral chama-se antropologia; mas este pode ser: 1- *Anthropologia pragmatica*, quando se considera o conhecimento humano como útil para a sociedade; 2- *Anthropologia scholastica*, quando se considera (se trata) bem mais como um conhecimento escolar. A primeira é a aplicação da última em sociedade.²⁰

A antropologia pragmática é a marca distintiva da antropologia feita por Kant e tem de ser definida, de 1785 em diante, como conhecimento de mundo sobre o ser humano. A antropologia de Ernst Plätner ganha neste momento da reflexão kantiana a alcunha de escolástica, a fim de situá-la como algo que não faz avançar os conhecimentos em vista da humanidade, mas somente sobre os louros da erudição, elegendo o inimigo que fará, estrategicamente, contraposição à sua formulação. A antropologia precisa ser aplicada para satisfazer as demandas de conhecimento de mundo.

Neste sentido, a antropologia, curiosamente, acompanha a divisão doutrinal da *KrV*, mas avançando em vista de sua aplicação moral. Há um buraco de quatro anos entre a antropologia anotada por Mrongovius e a de Busolt (*V-Anth/Busolt*) que data, aproximadamente, de 1788-9, de maneira que entre uma e outra é possível notar a fixidez e nitidez dos conceitos desenvolvidos ao longo da década de 1780. Mais

²⁰ “Die Menschen Kenntniß überhaupt heißt mit einem andern Namen Anthropologie; sie ist aber wieder erlei entweder 1) *Anthropologia pragmatica* wenn sie die Menschen Kenntniß wie sie in der Gesellschaft allgemein brauchbar ist betrachtet oder 2) *Anthropologia scholastica* wenn man sie, mehr als eine Schulkentniß betrachtet (abhandelt) die erstere ist die Anwendung der letzteren in einer Gesellschaft.” Idem.

precisamente, na *V-Anth/Busolt* Kant consolida a ideia de que o saber antropológico deve ser tomado como uma ciência. Apesar de na *V-Anth/Mensch* já ter aparecido a ideia de que tem de haver uma ciência que faça contraponto à ciência escolástica, é naquela que a determinação antropológica ganha contorno mais nítido com importância sistemática.

No entanto, qual o significado de ciência que poderia corresponder uma antropologia pragmática, uma vez que a metaciência desenvolvida na *KrV* não concebe nenhum conhecimento empírico? A resposta é uma *antropografia* como método de observação dos seres humanos, representando as condições de possibilidade para a existência de uma antropologia como ciência. Há, para Kant, uma ciência antropológica que se dá por meio de um método de *antropognosis*, uma espécie de observação/intelecção do ser humano:

Nossa maior ocupação no mundo, movimentando nossas inclinações, nossa vontade e nossos desejos, assenta-se no homem. Conhecimento de mundo é a mesma coisa que conhecimento sobre o homem. Quando essa observação dos humanos (*Antropografia*) necessita de uma ciência, então pode ser chamada de Antropologia, e seu conhecimento pode ser obtido: 1) Por meio de experiências longas e diversificadas e através de viagens. *Observação*, se se deseja coletar conhecimento antropológico através de viagens: então se deve previamente ter algum conhecimento relacionado à humanidade e um certo plano para ser capaz de fazer observações sobre as diferenças entre as pessoas que você verá ao longo da viagem. 2) Se se faz observações atentas sobre si e sobre outras pessoas. Tal conhecimento sobre o homem é possível, porque temos oportunidades, diariamente, em nossos negócios e nas sociedades para adquirirmos *antropognose*. Se por meio da experiência, sem qualquer finalidade e através de observações, nós obtemos conhecimentos sobre seres humanos, ou mesmo sistematicamente os apresentamos após um certo método e em uma conexão: então isto constitui uma ciência que podemos chamar de Antropologia.²¹

²¹ “Das was uns in der Welt am mehresten beschäftigt was unsere Neigungen, unsere Begirten, und Unsern Willen, am mehresten in Bewegung sezt ist der Mensch. Weltkenntniß ist also eben soviel als Menschenkenntniß. Wenn nun diese Beobachtung der Menschen (Anthropographie) zu einer Wissenschaft gebraucht wird so heißt sie Anthropologie, diese Wissenschaft erlangt man. 1.) Durch die Länge und Vielfältigkeit der Erfahrungen und durchs Reisen. Anmerkungen Wenn man durchs Reisen Anthropologische kenntnisse samlen will: so muß man schon vorher eine genungsame Zusammenhängende Menschenkántniß haben damit man mit einem gewissen Plan, in den Verschiedenheiten der Menschen, die man durchs Reisen zu sehen bekommt, seine Beobachtungen anstellen kann. 2.) Wenn man aufmerksame Beobachtungen mit sich selbst und mit andern Menschen macht. Eine solche Menschenkenntniß ist Möglich weil wir Täglic in unsern Geschafften und in Gesellschafften Gelegenheit haben; uns Antropognose zu erwerben. Wenn wir durch Erfahrungen die ohne Absicht sind, und durch Beobachtungen uns Menschenkenntniß verschaffen, und dieselben in einem

Aqui o que está em jogo é uma observação do ser humano tanto de culturas diferentes, em relação às culturas europeias, quanto daqueles de convívio diário e ambas formas de observação têm de ocorrer em vista de um método, de forma sistemática, sendo, pois, inevitável ter a antropologia o status de ciência da observação do ser humano com um horizonte cosmopolita como forma *a priori*, e esta é o método, direção, guia, ou seja, é necessário ter uma ideia do que é o ser humano, a fim de poder melhor estudá-lo.

Aqui começa o ponto de assimetria entre o que Kant pensa ser a natureza humana e de como esta ideia se encaixa nos humanos culturalmente distantes de sua *Kultur*. Neste ponto da reflexão kantiana a antropologia é a finalidade da observação e seu método com este estilo constitui uma ciência²², isto é, Kant aponta para a ciência antropológica de um ponto de vista pragmático com um objeto que deve ser, constantemente, atualizado em vista dos fins desta ciência. Não é fortuito, com isso, que a questão mais séria que Kant propõe aqui é ‘se seria possível obter uma antropologia completa?’²³

As *Vorlesungen über Anthropologie*, apesar de seu caráter de escrito secundário posto ser uma compilação de anotações de ouvintes dos seus cursos, nos dão um ótimo parâmetro acerca do desenvolvimento e ascensão da antropologia como ciência fundamental última do ser humano. Sua evolução enquanto curso nos mostra a tendência kantiana de moldar as ciências como saberes que devem ter referência no mundo, inclusive a religião, daí não ser fortuito que a ciência que carrega em seu seio a referência mais primordial deva conduzir todo o processo, isto é, a Antropologia vai onde a filosofia transcendental (a metaciência) não consegue acessar e por conta de sua proximidade (tal qual a Filosofia da Natureza, mas esta não trata das relações sócio-políticas) em relação à Crítica (visto a antropologia ser o acabamento das três perguntas que interessam à razão), a antropologia deveria cultivar todos os humanos em vista das finalidades cosmopolitas pensadas pela razão. No entanto, ter uma boa definição do que

Zusammenhange, und nach einer gewissen Methode, oder mit einem Wort, systematisch vorgetragen werden: so ist sie eine Wissenschaft, die Man Anthropologie nennt.” (*V-Anth/Busolt*, 25: 1435).

²² “Uma Antropologia Pragmática é então nossa finalidade.” (*V-Anth/Busolt*, 25: 1436). „Eine solche pragmatische Anthropologie ist nun unser Zweck.“

²³ “obs möglich sey, daß man sich eine Vollständige Anthropologie verschaffen könne.” (Idem)

significa a ciência antropológica difere de saber se essa ciência consegue chegar ao seu objeto de maneira satisfatória.

Antropologia Pragmática e a ideia de ciência

A fim de consolidar a antropologia como saber fundamental e de maior interesse da razão, Kant resolve compilar de próprio punho a *Anth*, mostrando sua coerência sistemática identificada por mim em suas correspondências e no desenvolvimento de sua filosofia na década de 1790 (Azevedo, 2019a). Apesar de todo o trabalho em sala de aula, as principais provas para o caráter fundamental da ciência antropológica devem ser encontrados na *Anth*. Contudo, muitos conceitos e divisões desenvolvidos nas *Volesungen über Anthropologie* foram ou refinados ou simplesmente abandonados por Kant na obra de 1798.

Infelizmente não nos sobrou nenhuma destas lições datadas dos anos de 1790-1796 e, assim, não é possível afirmar, sem titubeios, o que levou Kant a abandonar, por exemplo, o conceito de *antropografia* como observação do ser humano ou a divisão antropológica em doutrinas (da habilidade, pragmática e moral), em vista de meras disposições. É possível, porém, mostrar que a continuidade da antropologia como ciência fundamental necessitou de agregar fundamentos morais e políticos ao conceito de pragmática. Isto permitiu atender à demanda da pergunta antropológica, a saber, o que o ser humano pode fazer de si mesmo, em vista do progresso da espécie.

A estrutura da *Anth* nos mostra uma forte tendência de assimilação da filosofia crítica, coisa que não vemos na *V-Anth/Busolt*, a última que se tem acesso. A pretensão de Kant foi reunir em uma só obra os desdobramentos das faculdades de conhecer, de desejar e de sentir prazer e desprazer, sendo estas conectadas com uma metodologia de observação mais geral, que congrega as características das pessoas, dos sexos, das raças, dos povos e, obviamente, da espécie humana de maneira geral. Isto posto, a estrutura da *Anth* ganha uma dinâmica diferente daquela das lições, mas preserva, em contrapartida, muitos dos conteúdos que Kant desenvolveu ali.²⁴ Kant *antropologizou* a crítica de maneira que toda produção posterior a 1793 foi erigida sob a direção antropológica (Cf. Azevedo, 2019a). A estrutura antropológica posiciona-se como uma espécie de escudo

²⁴ Não apenas tal dinâmica se difere das lições, mas também o modo de adequação da *Anth* à filosofia crítica permite Kant organizar a ordem correta destas três faculdades supracitadas, uma vez que a faculdade de prazer e desprazer, que correspondente à *Crítica da Faculdade de Julgar*, aparece entre a faculdade de conhecer e a de desejar.

contra os críticos da filosofia popular, entretanto ele não abre mão de trazer a público o caráter fundamental que pontuou a sua carreira como professor e filósofo.

Todos os progressos na civilização, pelos quais o homem se educa, têm como fim que os conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para o uso do mundo, mas no mundo o objeto mais importante ao qual o homem pode aplicá-lo é o *ser humano*, porque ele é seu próprio fim último. - Conhecer, pois, o ser humano segundo sua espécie, como ser terreno dotado de razão, merece, particularmente, ser chamado de *conhecimento do mundo*.²⁵

Uma doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composta (antropologia) pode ser tal do ponto de vista *fisiológico* ou *pragmático*. - O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a natureza faz do homem; o pragmático, o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente [...] Uma tal antropologia considerada como *conhecimento de mundo* que deve seguir à *escola*, não é ainda propriamente denominada pragmática e contém um amplo conhecimento das coisas no mundo, por exemplo, os animais, as plantas e os minerais dos diversos países e climas, mas contém um conhecimento do ser humano como *cidadão do mundo*.²⁶

A dicotomia entre mundo e escola permanece e reforça a ideia de que o homem deve construir seu próprio caminho, progredir por seus próprios meios, em direção ao melhor, conservando aqui a associação entre humanidade e a capacidade de agir livremente. Apesar da estrutura até aqui apresentada, não pretendo inventariar as semelhanças entre cada obra crítica e os conteúdos expostos na *Anth*, mas sim o que importa é a identificação de como a noção de antropologia permitiu a Kant possuir uma ciência segura; também, a reboque disso, quero saber se tal ciência dá conta da natureza humana como objeto amplo, privilegiado e cosmopolita.

Isto posto, para esclarecer plenamente este ponto, é necessário perguntar o que significa o conceito de ciência associado à atividade antropológica? Ou, mais precisamente, em que sentido é a antropologia pragmática uma ciência? Ora, para responder a estas perguntas, deve-se compreender que estava em desenvolvimento, de maneira acurada, um modo de ampliar a ideia de referência a objetos, diferente dos expostos na *KrV*. Segundo Holly Wilson, isto se expressa no esforço de Kant para atualizar e adequar da melhor maneira possível o conceito de pragmática:

²⁵ *Anth*, 7: 119.

²⁶ *Idem*.

Há muitos sentidos de pragmática que Kant usa. O primeiro diz respeito à diferença entre antropologia pragmática, fisiológica e especulativa. O segundo sentido concerne à predisposição pragmática. O último diz respeito ao desenvolvimento da prudência no indivíduo e o desenvolvimento de uma constituição e lei positiva para a espécie. Algumas vezes, estes dois conceitos estão misturados, mas podem ser tranquilamente diferenciados.²⁷

Para uma ciência em sentido pragmático, assim como para qualquer outra, necessita-se um método e um sistema, os quais já foram erigidos do ponto de vista formal. O grande salto que Kant pretende em 1798 com a *Anth* é mostrar que o sentido de ciência exposto de maneira formal na filosofia transcendental deve ser convertido em princípios que fundamentam a observação empírica. O primeiro passo para entender a antropologia como ciência é sua característica de possuir o mundo, em vez de meramente ter, potencialmente, ferramentas para conhecer o mundo de modo *a priori*, uma vez que aquele que possui o mundo pode dispô-lo e conhecê-lo também de forma *a posteriori*, em suma, tangê-lo; é necessário tomar parte do mundo e ser um observador ativo que se preocupa em estabelecer princípios (*Anth*, 7: 121).

Desse modo, ‘sem um tal plano (que já supõe o conhecimento do ser humano), a antropologia do cidadão do mundo fica sempre muito limitada. Aqui os conhecimentos gerais sempre precedem os conhecimentos locais, caso tal antropologia deva ser ordenada e dirigida pela filosofia, sem a qual todos os conhecimentos adquiridos não podem proporcionar senão um tatear fragmentário, e não ciência’ (*Anth*, 7: 120). Mais precisamente, *o conceito de filosofia cosmopolita* que está presente ao longo da obra de Kant (desde a *Arquitetônica da razão pura*, A 838-9/B 866-7, até a *Log*²⁸) é a chave que deve sistematizar e fundamentar as observações antropológicas (Cf. Azevedo, 2019a.)

²⁷ “There are several senses of pragmatic that Kant uses. The first sense concerns differentiating pragmatic anthropology from physiological anthropology and speculative anthropology. The second sense of pragmatic has to do with the pragmatic predisposition. The latter account concerns the development of prudence in the individual and the development of a constitution and positive law for the species. Sometimes these two concepts are intermingled, but they can also be clearly differentiated.” WILSON, H. (2006). *Kant’s pragmatic anthropology: Its origins, Meaning and Critical Significance*. Albany: State University of New York Press. p. 28.

²⁸ “A filosofia é portanto, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais por conceitos. Este conceito dessa ciência na escola (Schulbegriff). Mas, segundo seu conceito no mundo (Weltbegriff), ela é a ciência dos fins últimos da razão humana (von den letzten Zwecken). Esse alto conceito confere dignidade (Würde) à filosofia, isto é, um valor absoluto (Werth). Na verdade, somente ela possui um valor intrínseco (innern) e só ela confere valor a todos os outros conhecimentos. Mas, no final, sempre se pergunta: para que serve filosofar e qual sua meta, considerada a própria filosofia como

Ora, há uma tensão entre a fixidez da filosofia (que segue os ditames da razão, enquanto conjunto de regras e princípios que não podem conhecer além da empiria) e um ser dotado de liberdade, cuja marca é a não cognoscibilidade última. Kant trouxe a ideia de ciência antropológica, por meio de disposições ligadas à ideia de características, uma vez que aqui se pode ter uma ciência híbrida, com características finalísticas. Apesar de se preocupar com os destinos da humanidade, há tem de tentar, primeiramente, entender o que é o homem do presente instante da observação. Entendê-lo requer um conhecimento prévio das disposições humanas:

Mas todas as tentativas de obter uma tal ciência com profundidade estão opostas consideráveis dificuldades intrínsecas à própria natureza humana [...] Por fim, não são precisamente fontes, mas meios auxiliares da antropologia: a história mundial, as biografias e até peças de teatro e romances [...] Os caracteres esboçados por um Richardson ou por um Molière devem ter sido tirados, em seus traços fundamentais, da observação do que os homens realmente fazem ou deixam de fazer, porque são de fato exagerados em grau, mas quanto à qualidade, precisam estar de acordo com a natureza (*Anth*, 7: 120-1).

Entre os habitantes vivos da terra, o ser humano é notoriamente diferente de todos os demais seres naturais por sua disposição técnica (mecânica, vinculada à consciência) para o manejo das coisas, por sua disposição pragmática (de utilizar habilmente outros homens em prol de suas intenções) e pela disposição moral em seu ser (de agir consigo mesmo e com os demais segundo o princípio da liberdade sob leis), e por si só cada um desses três níveis já pode diferenciar caracteristicamente o ser humano dos demais habitantes da terra. (*Anth*, 7: 322)

A última passagem é encontrada no que Kant denomina de *caráter da espécie*; mais precisamente, a característica antropológica serve como guia metodológico para as observações de tipo retroalimentado presentes na *didática*. Assim, para que seja possível uma ciência antropológica ter-se-ia de, primeiramente, definir que tipo de observação se pode fazer e que tipos de regras são aplicáveis a esta ciência. Para Kant, estas regras são disposições naturais da humanidade que necessitam ser trabalhadas segundo o estudo temporal da natureza humana, isto é, daquilo que o homem está fazendo de si no

ciência, segundo seu conceito na escola? Na acepção que a palavra tem na escola, a filosofia trata somente da habilidade (*Geschicklichkeit*); em relação, porém, ao conceito no mundo, ela trata, ao contrário, da utilidade (*Nützlichkeit*). Do primeiro ponto de vista, ela é uma doutrina da habilidade; do segundo, uma doutrina da sabedoria (*Weisheit*), legisladora da razão (*Gezetzgeberin*), e o filósofo, em tal medida, não é um técnico da razão (*Vernunftkünstler*), mas um legislador (*Gesetzgeber*).” (*Log*, 9: 22-3).

momento presente, em vista de sua finalidade última. Outro elemento de compreensão é a ideia de que se deve ter conhecimentos prévios dos ser humano, isto é, conhecer previamente significa postular margens interpretação sobre o que o humano é no momento e no que ele deve se tornar: é justamente aqui que reside a assimetria entre a ideia prévia kantiana de estado de civilização (vinculada ao processo civilizatório/*Kultur*²⁹, saída da minoridade, entrada e aperfeiçoamento do estado de direito em detrimento do estado de natureza e etc. Claramente disposições que levam à ideia de ser humano vinculada à ideia de cidadão iluminista europeu.) e o estado de natureza.

Neste sentido, antropologia evoluiu desde um curso sobre aspectos esparsos da humanidade para uma ciência dos destinos da humanidade, plenamente, inserida no sistema de maneira a conter todos os interesses daquela em seu trabalho. Mais interessante ainda é o fato de que Kant fortaleceu a ideia de cientificação da antropologia, que já era desenvolvida na década de 1780, a partir do momento mesmo que define tal disciplina como centro de interesse da razão, desenrolando um tal projeto de maneira silenciosa quanto aos seus desígnios, de modo que a publicização da pergunta antropológica como mote e fonte de interesse apenas vem à tona em 1800 na *Log*:

E a filosofia não só permite tal nexos sistemático rigoroso, mas é mesmo a única ciência que, na acepção mais própria do termo, possui uma conexão sistemática e confere unidade sistemática a todas as outras. Agora, no que se refere à filosofia em seu sentido no mundo, ela pode chamar-se também uma ciência da máxima suprema do uso de nossa razão, na medida em que se entenda por máxima o princípio interno de escolha entre fins diversos. Então, em sua significação última, a filosofia é a ciência da relação de todo conhecimento e uso da razão com a meta final da razão humana, o fim supremo a que todos os outros fins se subordinam e no qual todos devem se unificar. O campo da filosofia, nesta significação cosmopolítica, pode reduzir-se às seguintes questões:

- 1) que posso saber?
- 2) que devo fazer?
- 3) que me é permitido esperar?
- 4) que é o homem?

A metafísica responde à primeira questão; a Moral a segunda; a Religião a terceira; e a Antropologia a quarta. Mas,

²⁹ ELIAS, N. (1994). *O Processo Civilizador, Vol. I: A História dos Costumes* (tradução Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

fundamentalmente, tudo poderia reduzir-se à antropologia, pois as três primeiras questões rementem à última. (*Log*, 9: 25).

Em 1800, com isso, Kant deixa claro que a antropologia é a finalidade da filosofia, na medida em que todos os fins racionais possíveis devem unificar-se sob a batuta da antropologia. Ora, esta é uma ciência que deve ter como princípio que ‘não importa o que a natureza fez do ser humano, mas o que este faz de si mesmo’ (*Anth*, 7: 292), isto é, a antropologia deve buscar os fins supremos que a filosofia racionalmente coloca, enquanto nexos sistemáticos unificados na espécie humana. Assim, a antropologia é a finalidade do sistema e deve preencher a forma deste com seu conteúdo, com seus vínculos a uma ideia de desenvolvimento humano eivada por utopias iluministas, com um pano de fundo do liberalismo político e também em certo sentido econômico.

Isto posto, é possível se questionar por que a pergunta antropológica aparece numa obra de valor crítico menor e compilada por uma outra pessoa em vez de se fazer presente na própria *Anth*? Ora, Kant adequou a *Anth* para um formato crítico, coisa que não aparece em nenhuma lição de antropologia que nos foi legada. Todo este esforço para dar sistematicidade à *Anth* nos mostra um profundo paradoxo notado por Diogo Sardinha³⁰, a saber, onde Kant faz a pergunta antropológica (*Log*), ele não a responde e onde ele a responde (*Anth*), mesmo de modo insuficiente, não faz a dita pergunta.

Ora, dar um caráter científico à antropologia não significa que Kant tenha completado o trabalho antropológico, isto é, o modelo de ciência erigido não consegue dar conta do objeto estudado de maneira completa. Ele não conseguiu chegar a uma teoria plausível sobre a natureza humana em sua expressão universalmente pragmática, na medida em que sua ciência antropológica tem a característica de um cosmopolitismo restrito aos homens civilizados ou, potencialmente, neste processo.

O principal problema da antropologia kantiana reside na incapacidade de definição abrangente da natureza humana e, devido a isso, restou inventariar os humanos ao longo do tempo, relacionando seus costumes com uma universalidade formal amalgamada na ideia abstrata de liberdade. Uma antropologia que pode ser caracterizada como a ciência dos destinos últimos do ser humano possui um déficit ou uma assimetria nas diferentes manifestações de seu objeto, quando este se expressa na

³⁰ SARDINHA, D. “O Paradoxo da Antropologia em Kant”. In: SANTOS, L.; MARQUES, U.; PIAIA, G.; SGARBI, M.; POZZO, R. (eds.). *Was ist der Mensch? / Que é o Homem?*. Lisboa: Centro de Filosofia de Lisboa, 2010.

empíria, ou seja, a liberdade em sentido abstrato, porém real, esbarra no livre-arbítrio humano, o qual Kant identifica plenamente nos povos não europeus, atribuindo textualmente a alguns grupos, mais precisamente, mulheres, negros e indígenas, uma incapacidade cultural ou falta de talento para a civilização/moralidade.

Primeiro, tem-se a ideia de que a natureza humana de grupos distantes da Europa encontrados por exploradores é fundamentada pela ideia Kantiana de existência de uma monogênese da humanidade, isto é, todos os humanos descendem de um elo comum e suas diferenças fisiológicas apenas se apresentam geograficamente, uma vez que os climas dos respectivos continentes influíram diretamente na consecução das atuais cores de pele de cada raça.

Kant expressa tal ideia em seu texto inaugural sobre raças, o *VvRM* (*Von den verschiedenen Racen der Mensche*, AA II, no qual, para Robert Bernasconi – 2001 – Kant inaugurou o racismo moderno em que a raça está associada à cor da pele), em que expõe uma contraposição as ideias de autores que defendiam a teoria da poligênese, tal como Voltaire, que consistia em uma pluralidade de origens para cada tipo de humano: os negros, segundo esta teoria, por exemplo, provavelmente descendiam de gorilas ou similares; uma clara alusão abertamente racista, mesmo aos padrões do século XVIII (Bernasconi, 2001).

Segundo, apesar de Kant, no início dos cursos de Antropologia, não se fixar propriamente em uma hierarquia racial, posto estar bem mais preocupado com a sua classificação seguindo a história natural, alguns pontos mostram uma faceta abertamente racista e misógina sua. No âmbito de seus escritos, tal conotação racista aparece primeiramente de forma pública em seu texto de 1788 no *ÜTGP* (AA VIII)³¹;

³¹ “Esta última nota não é mencionada aqui como prova, porém, também não é irrelevante. Nas Contribuições do Sr. Sprengel, 5ª Parte, p. 287-292, contra o desejo de Ramsay de usar todos os escravos negros como trabalhadores livres, um perito alega que, entre os milhares de negros livres que se encontram na América ou na Inglaterra, ele não conhece nenhum exemplo de qualquer um que se dedique a uma ocupação que, propriamente, se possa chamar trabalho, pelo contrário, quando chegam à liberdade, imediatamente renunciam a um ofício fácil, que antes foram forçados a exercer como escravos, para se tornarem mascates, estalajadeiros miseráveis, serviços livres, que vão à pesca ou à caça, numa palavra, errantes. Igualmente isso ocorre entre nós com os ciganos. O mesmo autor observa nessa ocasião que não é o clima nórdico que os torna pouco inclinados ao trabalho, pois, quando atrás do carro de seus senhores ou quando, nas mais fortes noites de inverno, precisam esperar nas frias entradas do teatro (na Inglaterra), eles preferem resistir a ter que debulhar, cavar, levar cargas etc. Disso não se deveria concluir que, além da capacidade de trabalhar, ainda haja, imediata e independentemente de toda atração, uma inclinação para a atividade (especialmente a atividade persistente, que se chama assiduidade), a qual é particularmente entretida com certas disposições naturais e que, tanto indianos como negros, em outros climas, não tragam mais consigo e não transmitam mais desse impulso, tal como, em seu antigo país

mas, também podemos encontrar de maneira cabal na *PG*³² (AA IX), nas *Vorlesungen über Anthropologie*³³, dentre outras passagens.

Terceiro, no que diz respeito à sua misoginia, pode parecer que era algo compartilhado pela consciência comum de sua época como, por exemplo, quando faz a afirmação de que ‘no que diz respeito às mulheres doutas, elas necessitam de seus livros como de seu relógio, a saber, elas o portam a fim de que se veja que possuem um, ainda que geralmente esteja parado ou não tenha sido acertado’ (*Anth*, 7: 307); no entanto, havia contraposições fortes e claras de pessoas que denunciavam o papel reservado às mulheres nas sociedades civilizadas do século XVIII. Um destes era o prefeito de Königsberg Theodor Gottlieb von Hippel (1741-1796), amigo e comensal de Kant, que escrevera uma obra até hoje referencial sobre igualdade de direitos³⁴. A questão, para

natal, eles precisavam para sua conservação e tinham recebido da natureza; e, tão pouco, que se extinguiu essa disposição interna tanto quanto a visível externamente. As necessidades extremamente diminutas naqueles países e o pouco esforço que se exige para também garanti-las não demandam grandes disposições para a atividade.” (*ÜGTP*, 8: 174)

³² “Nos países quentes, os homens amadurecem mais cedo em todas as partes, mas não alcançam a perfeição das zonas temperadas. A humanidade está em sua maior perfeição na raça dos brancos. Os indianos amarelos têm um talento menor. Os negros estão muito mais abaixo e o mais baixo de todos é o povo americano.” (*PG*, 9: 316). No original: “In den heißen Ländern reift der Mensch in allen Stücken früher, erreicht aber nicht die Vollkommenheit der temperirten Zonen. Die Menschheit ist in ihrer größten Vollkommenheit in der Race der Weißen. Die gelben Indianer haben schon ein geringeres Talent. Die Neger sind weit tiefer, und am tiefsten steht ein Theil der amerikanischen Völkerschaften.”

³³ “1) Os americanos não adquirem cultura alguma. Eles não possuem nenhum incetivo, pois faltam-lhes afeto e paixão. Eles nunca amam, por isso não são férteis. Eles falam quase nada, nem se acariciam, também nada os perturba, são preguiçosos e pintam-se de uma maneira feia. 2) A raça dos negros, pode-se dizer, é o exato oposto do americano; eles são cheios de afeto e paixão, muito animados, falantes e vaidosos. Eles conseguem adquirir formação cultural, mas somente cultura servil, isto é, eles se permitem ser treinados. Eles têm muitos incentivos, são também muito sensíveis, têm medo das chicotadas e fazem muitas coisas desonrosas. 3) Os Hindus possuem incentivos, mas ele têm um forte grau de serenidade, e todos eles parecem filósofos. Independentemente disso, eles são muito inclinados à raiva e ao amor. Portanto, eles adquirem formação cultural no mais alto grau, mas somente nas artes, e não em ciências. [...] 4) A raça dos brancos contém em si todos os incentivos e talentos.” (*V-Anth/Mensch*, 25: 1187). No original: “1) Das Volk der Amerikaner nimmt keine Bildung an. Es hat keine Triebfeder; denn es fehlen ihm Affect und Leidenschaft. Sie sind nicht verliebt, daher sind sie auch nicht fruchtbar. Sie sprechen fast gar nichts, leibkosen einander nicht, sorgen auch für nichts, und sind faul sie schmincken sich ins hässliche. 2) Die Race der Neger, könnte man sagen, ist ganz der Gegentheil von den Amerikanern; sie sind voll Affect und Leidenschaft, sehr lebhaft, schwartzhaft und eitel. Sie nehmen Bildung an, aber nur eine Bildung der Knechte, d.h. sie lassen sich abrichten. Sie haben viele Triebfedern, sind auch empfindlich, ff'rchten sich vor Schlägen und thun auch viel aus Ehre. 3) Die Hindus haben zwar Triebfedern, aber si haben einen starken Grad von Gelassenheit, und sehen alle wie Philosophen aus. Demöhngeachtet sind sie doch Zorne und zur Liebe sehr geneigt. Sie nehmen daher Bildung im höchsten Grade an, aber nur zu Künstern und nicht zu Wissenchaften [...] 4) Die Racen der Wissen enthält alle Triebfedern und Talente in sich.”

³⁴ “Um dos mais frequentes convidados e amigos de Kant era Theodor Gottlieb von Hippel (1741-1796), prefeito de Königsberg. Hippel é autor do livro *Über die bürgerliche Verbesserung der Weiber* (1792). No referido livro Hippel argumenta em detalhes sobre conceder mais direitos civis às mulheres e tenta desaprovar a maioria das legitimações tradicionais sobre a submissão delas.” KLEINGELD, P. “The Problematic Status of Gender-Neutral Language in the History of Philosophy: The case of Kant”. In: *THE*

Kant, não era apenas de zombaria, mas sobretudo, de uma considerada falta de capacidade ontológica para progredir cosmopoliticamente, uma vez que as mulheres eram consideradas, com a concordância de Kant, civilmente incapazes.³⁵

Levando tudo isto em consideração, como é possível equalizar um conceito abstrato de natureza humana com a realidade concreta e ativa dos seres humanos, em geral? Esta pergunta ressoa na tentativa de Kant de moldar a humanidade sem levar em conta as atividades concretas dos humanos distantes culturalmente do modo de vida europeu. Allen Wood também enxerga que ‘a relutância de Kant em discutir a questão fundamental, ‘O que é o homem?’, parece dever-se às suas dificuldades inerentes a nossa limitada capacidade de adquirir conhecimentos da natureza humana em geral, e ao pobre estado intelectual da antropologia na época’ (Wood, 2007, p. 39).³⁶ Isto ajuda a responder o paradoxo de Sardinha na medida em que a *Anth* por si mesma é apenas um ponto pragmático de vista, apesar de, cientificamente, formulado, e, por isso, não pode tratar ou perguntar-se sobre o homem de modo último, uma vez que existe uma diversidade humana de difícil enquadramento cosmopolita e também, historicamente, a humanidade muda sempre culturalmente seu modo de viver.

A liberdade mostra-se o fundamento da resposta ao paradoxo exposto por Sardinha. Há algo que deve permanecer ao longo do tempo e que pode ser visto nas atitudes humanas, por meio da história, dos relatos de viagens e dos romances. No entanto, Kant não parecia estar seguro que a liberdade pudesse ser demonstrada em todos os povos e entre as mulheres europeias. O *faktum da razão*, com isso, ressoa nos últimos escritos de Kant bem mais como uma potencialidade de alguns grupos do que uma característica compartilhada pelo conjunto total da humanidade.

PHILOSOPHICAL FORUM Volume XXV, No. 2, Winter 1993. p. 144. No original: “One of Kant’s regular guest and friend was Theodor Gottlieb von Hippel (1741-1796), mayor of Königsberg. Hippel is the author of the book *Über die bürgerliche Verbesserung der Weiber* (On the Civil Improvement of Women, 1792). In this book Hippel argues in detail for more civil rights for women and tries to disprove most of the traditional legitimations for their subordination.”

³⁵ “A mulher é declarada civilmente incapaz em qualquer idade; o marido é seu curador natural [...] pois ainda que, no tocante à fala, a mulher tenha pela natureza de seu sexo saliva suficiente para defender a si mesma e a seu marido diante de um tribunal [...] ainda assim as mulheres não defendem pessoalmente os seus direitos, nem exercem por si mesmas seus deveres cívico-estatais, assim como tampouco convém a seu sexo ir à guerra, e essa minoridade legal no que se refere ao bem-estar doméstico: porque aqui entre o direito do mais fraco, que o sexo masculino, já por sua natureza, se sente convocado a defender.” (*Anth*, 7: 209)

³⁶ “Kant’s reluctance to discuss the fundamental question ‘What is the human being?’ appears rather to be due to his convictions about its inherent difficulty, about our limited capacities to acquire knowledge of human nature in general, and about the poor state of anthropology at present.”

Ora, outro motivo de Kant não ter exposto anteriormente uma antropologia completa concerne à formulação da *questão antropológica*, que não pode ser *ontológica* ou *metafísica*, mas sim tem de ser *cosmopolita*. A cientificidade da antropologia do último Kant é real, na medida em que ela cumpre o principal requisito para tal: possuir uma base crítico-transcendental, universal, permanente e fixa; o problema é que a sua ciência não parece se encaixar, perfeitamente, em seu objeto de estudo por ser este, por um lado, completamente movente (no sentido dos costumes) e, por outro lado, incapaz de mover-se, em sua totalidade, em direção à moralidade, deixando incompleta a terceira das disposições que devem fundamentar a natureza humana.

A antropologia precisa da base transcendental e crítica para funcionar como ciência, dando soluções às questões que, por ventura, surjam, daí que a universalidade buscada pelo conhecimento deve sobrepôr-se aos aspectos particulares na ciência antropológica (*Anth*, 7: 120). No entanto, não há uma ciência antropológica completa sem a fundamentação da natureza humana, a qual deveria envolver uma readequação do sistema de filosofia em torno desta demanda. Uma pista deveras salutar para a formulação de Kant de uma teoria da natureza humana foi encontrada por Reinhard Brandt no chamado manuscrito de Rostock, que deu origem à *Anth*. Segundo Brandt a questão antropológica ‘não é encontrada nem nas lições nem nas notas de Kant para as lições. Ela aparece no campo da antropologia apenas em um manuscrito kantiano (ainda mantido em Rostock), no qual Kant escreve no texto da *Anth*, mas não a coloca na versão final do livro’ (Brandt, 1994, p. 43. APUD: Wood, 2007, p. 57).³⁷

O que fez de tal questão tão inadequada a ponto de Kant não formulá-la onde, supostamente, teria de expor uma teoria da natureza humana? Isto passa pela minha hipótese de que Kant não possuía uma teoria da natureza humana suficientemente adaptada à ciência antropológica. A antropologia foi alçada à condição de ciência com conceitos frágeis de natureza humana, de maneira que, para que esta não fosse apenas um tatear fragmentário, Kant espelhou a crítica e a fez trabalhar em vista da antropologia, mas com a limitação das condições transcendentais, as quais, apesar de fundamentar a antropologia, não a penetram, pois pertencem a domínios diferentes.

³⁷ “Is encountered neither in the lecture notes nor in Kant’s notes for the lectures. It appears in the field of anthropology only in a Kantian manuscript (still kept today in Rostock) in which Kant set down the text for the Anthropology from a Pragmatic Point of View, but was not transferred into the book.” (grifos meus).

Neste sentido, a crítica, para dar condições fundamentais à pragmática, não faz da antropologia uma ciência em sentido transcendental, não podendo haver uma antropologia transcendental como colocam Patrick Frierson (2013) e Jorge Conceição (2013)³⁸. Ambos se vinculam a uma formulação marginal de Kant que pode ser encontrada em suas *Reflexões de Antropologia* (*HN*, 15: 395), na qual Kant usa o termo *anthropologia transcendentalis*. Essa reflexão é datada, aproximadamente, de 1772, no momento que o autor inicia suas pesquisas para os cursos de antropologia.

Kant não volta a usar tal termo em nenhum momento de sua trajetória filosófica, nem mesmo quando colocou a antropologia como finalidade do sistema. Entretanto, Frierson defende que ‘a antropologia transcendental de Kant foca no que pode ser conhecido a priori sobre os seres humanos, por meio de um exame *interno* básico das faculdades mentais, o qual especificamente satisfaz as condições de possibilidade de restrições normativas dos seres humanos’.³⁹ Basicamente, Frierson parte do pressuposto de que Kant nunca abandonou a ideia de antropologia transcendental e de forma acrítica mostra como todas as faculdades superiores e seus interesses racionais trabalham em vista daquela passagem marginal das *HN*, bem mais aparentada à psicologia empírica de Baugartem⁴⁰, da qual Kant se distancia gradualmente ao longo de suas Lições de antropologia. O termo *antropologia transcendental* não reaparece nem mesmo na *Anth*, onde possivelmente poderia fundamentar a ideia de que toda a filosofia kantiana trabalhou em vista da antropologia. Frierson parte do pressuposto que aquela linha marginal de 1772 continua na filosofia crítica, sem, no entanto, explicar como se vinculam ou, tampouco, como desenvolveu-se até atingir o estágio crítico.

Jorge Conceição (2013) segue a pista de Frierson, mas com a peculiaridade de colocar a teoria dos juízos como parte de uma reorientação da antropologia transcendental em vista do conceito de natureza humana. A ideia de que a capacidade de julgar possa ser a marca distintiva da humanidade não pode ter base universal em nossa época, senão na de Kant se olharmos de um ponto de vista antropológico em seu

³⁸ Também indico o artigo de Edmar Lima que consiste nas mesmas bases gerais: Cf. LIMA FILHO, J. E. Reflexão transcendental sobre o homem e Filosofia Crítica. In: *Veritas*, Porto Alegre, v. 65, n. 1, jan.-mar. 2020. pp. 1-15.

³⁹ “Kant’s transcendental anthropology focuses on what can be known about human beings a priori through an examination of basic mental faculties from-within that specifically attends to the conditions of possibility of normative constraints on human beings.” FRIERSON, P. What is the human being?. New York: Routledge, 2013. p. 13.

⁴⁰ “Kant’s transcendental anthropology characterizes the process of thinking, judging, choice, and aesthetics appreciation from-within.” FRIERSON, 2013, pp. 12-3.

paradoxo entre liberdade e natureza humana. A capacidade de julgar não pode ser uma marca distintiva universal do ser humano, uma vez que alguns grupos com inaptidões específicas (bebês que nascem sem cérebro, pessoas diagnosticadas com o espectro do autismo, pessoas em estado vegetativo e etc.) não poderão ser considerados humanos.

Com isso, a função transcendental não pode se encaixar plenamente na antropologia kantiana nem trabalhando retroativamente, isto é, antropologizando as faculdades humanas, tampouco pode mostrar universalmente como a antropologia pode ser aplicada, uma vez que carece de dados empíricos observacionais. Este impasse, se lembrarmos das *Vorlesungen über Anthropologie*, mostra que Kant nunca levou a frente a ideia de que a antropologia pudesse fazer parte da filosofia transcendental, o que não significa que ela não possa fazer parte do sistema e que tal sistema de filosofia crítico-transcendental não pudesse dar uma base segura para um nível de atuação em uma diferente esfera: a pragmática. A relação entre a crítica e a antropologia, no que concerne ao funcionamento interno, é complementar, e não molar; o conceito de filosofia cosmopolita direciona ambas, progressivamente, ao melhor, malgradadas as suas assimetrias.

Considerações finais

Levando em consideração todas estas pistas, é necessário questionar por que o método, locado e erigido na *Característica da Anth*, não permitiu a Kant fazer a pergunta antropológica naquela altura da reflexão? Mais precisamente: Kant estava ciente dessa dificuldade ou apenas a reproduziu irrefletidamente? Minha posição é que ele tinha completa noção das inadequações de sua teoria da natureza humana. Mais precisamente, a ideia de compor uma antropologia que desse conta de responder o que é o homem dependia de montar uma hierarquia humana, por meio da qual todos pudessem ser locados, verdadeiramente, dentro de uma universalidade. Entretanto, para tal, Kant faz a humanidade trabalhar segundo princípios acrílicos, organizados de maneira atabalhoada, a fim de fazer a antropologia funcionar como finalidade da filosofia. Ele parte do pressuposto de que a natureza humana precisava ser cultivada para o progresso da humanidade, daí ter mostrado uma antropologia de viés humanista, na qual o ser humano necessita se adequar a ela⁴¹.

⁴¹ O primeiro a fazer uma crítica neste sentido foi Georg Forster em 1786 em seu *Noch etwas über die Menschenraßen*. Cf. FORSTER, G. Something more about the human race. In: MIKKELSEN, J. (2013)

Quando os maiores interesses da razão são confrontados com a prática empírica de vários povos diferentes (incluindo aqui suas respectivas diferenças entre os sexos e raças), os povos não europeus, e as mulheres igualmente, são rebaixados a um nível inferior de humanidade em relação ao branco alemão. Com isso, concluo com a ideia de que a ciência antropológica kantiana não consegue confirmar a humanidade positiva dos não-europeus (talento ao desenvolvimento cosmopolita em vista da construção de estado-nação mediado por uma constituição civil, respeito a contratos e a propriedade privada), senão europeizando-os em suas características. Isto significa que Kant propôs, por um lado, uma teoria acrítica (não demonstrada, tal como uma hipótese, um pressuposto) de que todos os tipos diferentes de manifestação humana merecem ser tomados como tais, isto é, como humanos com cores de pele diferentes (*Von den verschiedenen Racen der Menschen, VvRM*); por outro lado, essa humanidade fundamental não dá conta do humano de forma universal, uma vez que para que a potência humana seja satisfeita é necessário que todos entre em estado de civilização e respeitem a lei moral e as leis jurídicas, além de contribuir para o progresso moral e do conhecimento.

Neste sentido, os ditos grupos, textualmente supracitados por Kant, não possuem tanto talento, enquanto raças e sexo (feminino), para, de fato, satisfazerem as potencialidades humanas, sendo, pois úteis aos que os obtêm como escravos, servos e reprodutoras. Kant entendeu completamente onde sua teoria tinha chegado e tentou até o último momento produzir uma antropologia que desse conta bem mais dos fundamentos da natureza humana (Azevedo, 2019b) do que propriamente dos talentos. Assim, nem sua teoria da natureza humana monogênica é criticamente fundamentada, tampouco ele conseguiu erigir uma antropologia ampla e cosmopoliticamente aceitável.

Referências

AZEVEDO, H. (2019a). *A Antropologia como Finalidade da Filosofia em Kant*. Tese (Doutoramento em Filosofia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. (dez. 2019b). A antropologia póstuma de Kant: o Opus Postumum como uma obra de antropologia. In: *Studia Kantiana*, vol. 17, n. 3, pp. 129-156.

Kant and the concept of race: Late Eighteenth-century writings. New York, State University of New York Press.

BERNASCONI, R. Who Invented the Concept of Race? Kant's Role in the Enlightenment Construction of Race. In: BERNASCONI, R. (2001) *Race*. Malden: Blackwell.

CONCEIÇÃO, J. (jul.– dez., 2013). Anthropologie Transscendentalis: uma reorientação da teoria dos juízos em Kant'. *Kant e-Prints*. Campinas, Série 2, v. 8, n. 2, pp. 131-149.

ELIAS, N. (1994). *O Processo Civilizador, Vol. I: A História dos Costumes* (tradução Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FERRARI, J. (Ed). (1997). *L'Année 1798: Kant et la naissance de l'anthropologie au siècle des lumières*. Paris: Vrin.

FORSTER, G. Something more about the human race. In: MIKKELSEN, J. (2013). *Kant and the concept of race: Late Eighteenth-century writings*. New York, State University of New York Press.

FRIERSON, P. (2013). *What is the human being?*. New York: Routledge.

KANT, I. (1900). *Kants gesammelte Schriften, herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. Berlin, De Gruyter.

_____. (2006). *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. Tradução de Clélia Aparecida dos Santos. São Paulo: Iluminuras.

_____. (2010). *Crítica da Razão Pura* (Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão). Lisboa: Calouste Gulbenkian.

_____. (1995). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (Tradução de Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70.

_____. (2002). *Manual do Cursos de Lógica Geral* (Tradução de Fausto Castilho). Campinas/Uberlândia: EDUFU/EDUNICAMP.

_____. (Jan./Abril, 2013). Sobre o uso de princípios teleológicos em filosofia (tradução de Márcio Pires). In: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 1, p. 211-238.

_____. (1997) *Vorlesungen über Anthropologie* (Bearbeitet von Reinhart Brandt und Werner Stark). Berlin, Walter de Gruyter.

KLEINGELD, P. (Winter 1993). The Problematic Status of Gender-Neutral Language in the History of Philosophy: The case of Kant. In: *THE PHILOSOPHICAL FORUM* Volume XXV, No. 2.

KOSELLECK, R. (2012). *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira). Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Contraponto.

LAFRANCE, G. De Rousseau à Kant à propos de l'anthropologie. In: FERRARI, J. (Ed.). (1997). *L'Année 1798: Kant et la naissance de l'anthropologie au siècle des lumières*. Paris: Vrin.

LIMA FILHO, J. E. (jan.-mar. 2020). 'Reflexão transcendental sobre o homem e Filosofia Crítica'. In: *Veritas*, Porto Alegre, v. 65, n. 1, pp. 1-15.

SANTOS, L. R. (2007). *O espírito da letra: Ensaio de hermenêutica da modernidade*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SARDINHA, D. O Paradoxo da Antropologia em Kant. In: SANTOS, L.; MARQUES, U.; PIAIA, G.; SGARBI, M.; POZZO, R. (eds.). (2010). *Was ist der Mensch? / Que é o Homem?*. Lisboa: Centro de Filosofia de Lisboa.

WILSON, H. (2006). *Kant's pragmatic anthropology: Its origins, Meaning and Critical Significance*. Albany: State University of New York Press.

WOOD, A. Kant and the problem of human nature. In: JACOBS, B; KAIN, P. (Eds.). (2007). *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge.

ZAMMITO, J. (2002). *Kant, Herder and the Birth of Anthropology*. Chicago: University of Chicago Press.

Artigo recebido em: 02.05.2020

Artigo aprovado em: 08.10.2020